

HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO EM MATO GROSSO: NARRATIVAS DE PROFESSORAS APOSENTADAS DE TANGARÁ DA SERRA

Regiane Cristina Custódio

Resumo

Tendo em foco narrativas de professoras, o objetivo deste artigo é refletir sobre aspectos ligados à inserção na profissão docente. Em relevo, memórias de professoras, mulheres que migraram, ainda na infância, para Tangará da Serra, um município de Mato Grosso, com 38 anos de emancipação político-administrativa. Como parte de um processo de (re)ocupação ligado diretamente ao movimento de expansão da fronteira, considerada a frente de expansão da sociedade nacional sobre territórios já ocupados por grupos sociais diversos, este lugar emerge como espaço plural formado por mulheres e homens procedentes de diferentes lugares do Brasil. Ouvir histórias contadas por professoras de Tangará da Serra possibilita que sejam compreendidos elementos importantes do processo de (re)ocupação da região Centro-Oeste do país, bem como do processo que neste contexto, as constituiu professoras.

Palavras-chave: Narrativas de professoras. Memórias de professoras. Tangará da Serra.

1. Tangará da Serra e a expansão da fronteira agrícola

O município de Tangará da Serra, em Mato Grosso é parte integrante de um processo de (re)ocupação territorial que teve ligação direta com o movimento de expansão da fronteira agrícola. Este movimento pode ser também entendido como frente de expansão da sociedade nacional sobre territórios já ocupados por povos indígenas de várias etnias e por atores sociais diversos (MARTINS, 1997). Nesse movimento de (re)ocupação territorial, a fronteira se expande e surgem núcleos populacionais urbanos, cidades formadas por mulheres e homens procedentes de diferentes lugares do Brasil, que migraram em busca de um mesmo objetivo: o sonho de se emancipar socialmente e garantir suas existências.

Assim, o referido município, tem sua criação atrelada à implantação de um projeto de colonização particular que recebeu nos anos 1960/1980, mulheres e homens, famílias inteiras, grupos sociais de diferentes regiões do Brasil. Na condição de migrantes, alguns chegaram antes da emancipação político administrativa, que aconteceu em 1976; outros chegaram depois, com objetivos os mais variados e acompanharam de perto as transformações pelas quais passou o estado de Mato Grosso após a criação (pelo Decreto-lei nº 1.106/1970) do Plano de Integração Nacional (PIN), de junho de 1970.

Em Tangará da Serra, município incorporado à política de integração nacional através da colonização privada, a educação comparece como elemento importante, uma vez que deveria auxiliar a empresa de colonização em seu objetivo de que as famílias fixassem-se na região. A presença de escolas, e conseqüentemente de professores, também deveria funcionar como estímulo para atrair novos migrantes que adquiririam terras dos projetos imobiliários. Nesse contexto, a escola constituiu um dispositivo importante na implantação de um projeto de colonização.

A atenção de algumas empresas colonizadoras com a construção de escolas em seu núcleo de colonização atendia uma parte da exigência para a implantação de um projeto de colonização. A lei 1.806 de 1953, que dispõe sobre o plano de valorização econômica da Amazônia, em seu artigo 7º faz referência ao estabelecimento de uma política demográfica que deveria compreender:

[...] a regeneração física e social das populações da região pela alimentação, a assistência à saúde, o saneamento, a educação e o ensino, a imigração de correntes de população que mais convenham aos interesses da região e do País, e o agrupamento dos elementos humanos da região ou de outros Estados em áreas escolhidas, onde possam constituir núcleos rurais permanentes e desenvolver a produção econômica.

Havia uma preocupação com a educação e o ensino e os projetos de colonização pública ou privada em Mato Grosso tinham de demonstrar atenção às exigências previstas em lei. A presença da escola e da educação formal nos núcleos de colonização seria fundamental para garantir a fixação das pessoas que chegavam e atrair contingentes populacionais de outras regiões do Brasil (OLIVEIRA, 2009). O sujeito professor teve aí um importante papel. Atuava como “colaborador”, era alguém que ajudava a construir o lugar, e a sua “contribuição” não estava circunscrita apenas à escola, mas, também ao “crescimento” e “desenvolvimento econômico” da “comunidade”, que então estava se formando. Daí que as representações que dizem sobre o sujeito professor contribuem decisivamente para construir uma imagem a qual o professor deveria corresponder. Neste artigo, falar sobre sujeitos professores é fazer referência a mulheres que atuaram no ensino fundamental (1ª a 4ª séries).

Pesquisar memórias de professoras de Tangará da Serra e buscar conhecer como se deu a inserção dessas mulheres na profissão docente, bem como suas vivências nesse lugar, possibilita compreender a própria constituição do município que se erigia contando com experiências de trabalho, de educação e de vida, de atores sociais vindos de várias regiões do Brasil num importante movimento migratório acontecido na História do Brasil.

Mas por que estudar a história da educação de Tangará da Serra, a partir das memórias de professoras? O interesse em investigar narrativas de memória se dá com o objetivo de compreender como essas mulheres tornaram-se ou ressignificaram-se como professoras.

As narrativas de memórias, como exercício de produção de identidades passadas e presentes, oferecem uma compreensão acerca de como as professoras concebem o trabalho docente e sua inserção nele após alguns anos de suas atuações. Ouvir atentamente as professoras aposentadas de Tangará da Serra possibilita que sejam compreendidos elementos importantes do processo de (re)ocupação da região Centro-Oeste do país, bem como do processo que neste contexto, as constituiu professoras, o que destacam como elementos marcantes em suas narrativas em relação à sua inserção no mundo e a atuação na profissão docente.

Ouvir a voz das professoras que narram, possibilita a valorização do professor como sujeito da/na história da educação de Tangará da Serra. Tendo em vista que o testemunho oral representa o núcleo da investigação e não sua parte acessória, a história oral é considerada no contexto desta escrita como metodologia basilar.

2. A história oral e a produção de narrativas docentes

A história oral como metodologia de pesquisa nos conduz, inescapavelmente, ao terreno dos debates sobre memória, tanto em nível individual, como em nível coletivo, segundo propõe Thomson (1997, p. 70).

Inspirado por Pierre Janet, Le Goff (1996, p. 424) destaca que o ato mnemônico fundamental é o “comportamento narrativo”, que se caracteriza por sua função social, uma vez que a comunicação de uma informação a outrem incide na ausência do acontecimento ou do objeto que constitui o seu motivo. Isto de algum modo remete à ideia de que a memória busca representar no presente, ausências do passado, como escreve Certeau (2006).

As memórias das professoras narradoras de Tangará da Serra manifestam-se através da linguagem, e o evento da entrevista possibilita aos sujeitos das memórias da educação, a construção de sentido em relação ao que se viveu junto ao grupo, constituído como comunidade de memória, do qual o sujeito que narra fez ou faz parte.

A perspectiva analítica adotada inspira-se na ideia de *composição* discutida por Alistair Thomson (1997), para quem a memória envolve um processo de constante transformação das experiências lembradas, trata-se de um contínuo procedimento de

reconstrução. Para este autor, as mudanças ocorridas nos relatos públicos que narram o passado, incidem diretamente na escolha das memórias a serem relatadas e nos modos como atribuímos sentido a elas, com o passar do tempo, pois também se transformam. É aí que tem lugar o conceito de *composição*.

A *composição*, na perspectiva de Thomson (1997), e com a qual eu compartilho, é a maneira pela qual os sujeitos dão sentidos à vida passada e presente. A *composição* é pensada pelo autor para se referir ao processo de “construção” de reminiscências. Estas são compostas ou construídas, tendo em vista os significados e as linguagens conhecidas de nossa cultura e variam dependendo das alterações sofridas pela identidade pessoal. Essas alterações levam a um segundo sentido, que pode ser considerado mais psicológico da *composição*: “a necessidade de compor um passado com o qual possamos conviver”. Nas palavras do autor:

Nossa identidade (ou “identidades”, termo mais apropriado para indicar a natureza multifacetada e contraditória da subjetividade) é a consciência do eu que, com o passar do tempo, construímos através da interação com outras pessoas e com nossa própria vivência. Construímos nossa identidade através do processo de contar histórias para nós mesmos – como histórias secretas ou fantasias – ou para outras pessoas, no convívio social. (THOMSON, 1997, p. 57)

É por isso que o processo de recordar é, segundo este autor, uma das formas mais importantes de o indivíduo identificar-se quando narra uma história. É no momento da narrativa que o narrador expressa como pensa que era no passado, quem pensa que é no presente e o que gostaria de ser. Do mesmo modo, as histórias lembradas não são representações exatas do passado, mas trazem aspectos desse passado. Esses aspectos são moldados de modo a se ajustarem às identidades e às aspirações atuais.

No que se refere à pesquisa empírica, as entrevistas foram gravadas com três professoras que exerceram todo o seu percurso profissional em Tangará da Serra. Desde a formação inicial, em que estudaram o Magistério em nível de segundo grau profissionalizante numa escola estadual, atuaram como professoras concursadas do estado de Mato Grosso, até o momento da aposentadoria.

Após receberem o convite para narrar suas memórias docentes e ouvirem a apresentação da pesquisadora e os objetivos da pesquisa, concordaram em falar de si e sobre si, e, nesse movimento, falaram sobre o processo que as constituiu professoras. Duas das

professoras concederam as entrevistas em suas residências. Uma delas escolheu como local de realização da entrevista, a empresa da família.

Como sugere Manuel Jacinto Sarmiento (1994) contar histórias possibilita a quem narra organizar um mundo e conferir-lhe sentido. Contar histórias é um importante instrumento que permite a mulheres e homens dar corpo às suas crenças e valores. Contar é organizar, é dar sentido, é comunicar, é interpretar. Ouvir as narrativas das professoras é compreender, por meio de suas vozes, diversos aspectos de suas experiências docentes e do contexto social em que viveram e vivem.

Alguns estudos apontam que desde a segunda metade do século XX, as sucessivas transformações sociais, econômicas, culturais, permitiram de maneira gradual e gradativa a inserção das mulheres em sala de aula, inicialmente, como alunas, e logo depois, como professoras. Essa inserção, segundo discute Guacira Lopes Louro (1998), foi se estabelecendo ao longo de um processo de urbanização e industrialização que ocorreu em diversas regiões do Brasil, ampliando as oportunidades de trabalho aos homens, que ao (i)migrarem, levavam consigo as esposas e filhas. Em Tangará da Serra a docência apresentou-se, em princípio, como oportunidade de trabalho para mulheres e homens, especificamente em virtude da condição de migração nos anos iniciais. Ao longo dos anos, as mulheres foram se tornando maioria a exercer a profissão. Nessa perspectiva indaga-se: o que tem as mulheres professoras, sujeitos das memórias da educação de Tangará da Serra, a dizer sobre sua profissão? Como narram suas experiências?

3. Experiências de professoras no contexto de Tangará da Serra

A seguir, estão em relevo as experiências das professoras expressas em suas narrativas.

A professora Adriana nasceu em 1954, em Minas Gerais. Sua família migrou para Tangará da Serra em 1965. Ela estudou na segunda turma do Magistério da cidade e iniciou sua carreira de professora em 1978. Atuou no Magistério de I a IV. Anos depois, formou-se pedagoga. Aposentou-se em 2005. Em sua entrevista, a professora Adriana falou livremente a respeito de vários familiares (tios e tias, primos e primas) que migraram para Tangará da Serra, logo após a migração de sua família. O enfoque recaiu sobre a primeira experiência como professora. O destaque que confere a essa experiência a coloca como crucial em sua

constituição como professora. Ela não se recordou qual a maior motivação para tornar-se professora e mencionou o pai, que desde sua infância, falava sobre a profissão que ela deveria seguir:

[...] eu nem sei qual que foi a motivação maior, é porque era o segundo grau que tinha aqui [em Tangará da Serra], na época, mas [...] meu pai sempre falava que eu nasci pra ser professora então eu tinha que estudar Magistério. (Adriana. – Entrevista realizada em: 14/06/2013).

O excerto destacado da narrativa da professora Adriana dá a ver dois aspectos de uma mesma ordem de questão: se por um lado comparece o curso de Magistério como única alternativa de ingresso na carreira docente, igualmente a figura do pai é rememorada como idealizador de um futuro profissional para a filha. Na relação hierárquica, a decisão do pai de que a filha deveria seguir a profissão docente parece ter surtido efeito. Além disso, não se pode desconsiderar também o próprio contexto de (re)ocupação, de migração acentuada, de constituição do lugar e da necessária presença da escola e, conseqüentemente, de profissionais professores para atuarem na educação institucional de Tangará. Há, então, a confluência de mais de um fator que parecem decisivos na inserção na carreira docente.

No depoimento da professora Adriana, a timidez e o nervosismo aparecem como entraves que, na primeira vez em que entrou na sala de aula, fizeram com que ela, inclusive, não conseguisse sequer mencionar o próprio nome:

[...] a minha primeira experiência foi muito engraçada porque eu esqueci meu nome [uma gargalhada]. Eu esqueci meu nome de tão nervosa que eu fiquei, eu não lembrava meu nome. [...] nós tínhamos tantos parentes aqui [em Tangará da Serra] que na sala de aula só era primo, tinha uns dois ou três que não eram parentes, [...] olhando no rosto de cada um assim eu esqueci o meu nome e não lembrava de jeito nenhum qual dos dois que eu falava se era o meu nome ou o meu apelido, mas o meu nome sumiu da minha cabeça e eu só lembrei o apelido [...] [risos]. Na primeira experiência eu fiquei [...] nervosa demais, eu não sabia o que ensinar, eu não sabia o que fazer, eu fiquei desesperada [...] (Adriana. Entrevista realizada em: 14/06/2013).

Ao recompor o passado, Adriana mostra-se consciente do lugar de sujeito professora que ocupa na sala de aula, diante de seus alunos. Ela demonstra em seu relato que este lugar de sujeito que ela teria de ocupar naquele momento tem um significado ligado ao poder que a

ela era atribuído na condição de professora e naquele lugar ela não podia falhar, devia saber o que ensinar, era seu dever saber o que fazer.

Como discute Pesavento (2003, p. 90), há uma multiplicidade de identidades que vão desde o eu pessoal, construtor da personalidade, aos recortes diversos do social que fazem com que um mesmo indivíduo acumule distintos perfis identitários. A professora Adriana tinha muitos vínculos de parentesco com as crianças que estavam a sua frente, mas ali, naquele lugar, ela não era a prima ou a tia, mas ocupava o lugar de sujeito professora e naquele lugar ela não poderia errar.

Outra professora, Eliane, nasceu em 1957, em Minas Gerais. Migrou com sua família para Tangará da Serra em 1965. Estudou na primeira turma de Magistério. Começou a carreira como professora em 1973. Formou-se em Pedagogia e Ciências Sociais. Atuou no Magistério de I a IV. Aposentou-se em 2007. Ela relatou que ser professora nos primeiros tempos de constituição de Tangará da Serra era símbolo de distinção.

A professora Eliane contou que ser professora era algo que não estava em seus planos, no entanto a falta de opção a fez estudar o Magistério. Sua narrativa que em princípio pareceu pouco animada, porém o desânimo logo cedeu lugar ao entusiasmo para falar do passado. Segundo narra,

Como eu falei pra você, não tinha opção em Tangará, então, teve o Magistério, e nós fomos fazer o Magistério. [...] Desse curso lembro as aulas práticas, o material que a gente tinha que confeccionar, sabe, eu acho assim que o nosso Magistério foi assim 100%, mais do que a pedagogia que a gente vê hoje, [...] a gente estudava demais, não sei se era porque era só aquilo que a gente tinha, a profissão, a gente estudava com excelentes professores, a gente tinha que fazer assim, álbum seriado, caderno de festa, a gente fazia tudo, pintava, arrumava, aprendia educação artística, coisas assim sabe, e todo mundo que sabia um pouquinho ajudava, e a nossa turma era muito unida [...] devo tudo a esse curso, o que eu sou eu devo ao que eu aprendi em Tangará da Serra nesse curso. (Eliane, entrevista realizada em 01/02/2013).

Embora tenha dado início à carreira docente por não ter outra alternativa, segundo narra, foi dedicando-se ao curso e a união da turma apresentou-se como motivação para seguir adiante na carreira. Ela finalizou sua narrativa, abordando a entrada na profissão como fruto do acaso, embora sua expressão seja de gratidão ao que aprendeu no curso de Magistério de Tangará da Serra.

Na narrativa da professora Eliane, a definição do que é ser professora passa pela transformação vivida na sala de aula. Para ela, ser professora é viver uma vida de aprendizagens e conquistas. Segundo suas palavras,

[...] eu costumo falar que eu me transformo quando eu piso na sala de aula, até hoje (pausa)... às vezes eu posso ir cansada, mas quando eu ponho meu pé na sala de aula, eu sinto... eu gosto muito, gosto de ser professora, eu aprendi muito e muitas coisas que eu conquistei foi sendo professora, e nunca parei também, sempre estudando [...] Foi muito puxado, mas valeu a pena! (ênfase) (Eliane. Entrevista realizada em: 01/02/2013).

Para Eliane, estar em sala de aula é estar em constante transformação. Embora aposentada no ensino de séries iniciais, atualmente, ela é professora em uma instituição particular de ensino superior e trabalha em um curso de Administração.

A professora Ester nasceu em 1957, em São Paulo. Sua família migrou para Tangará da Serra em 1974. Fazia o propedêutico em São Paulo e, em Tangará da Serra, para concluir o 2º grau, estudou o Magistério. Começou a carreira como professora em 1975. Atuou no Magistério de I a IV. Aposentou-se em 2008. Ester relatou aspectos os mais variados. Lembrou com nostalgia os encontros dos jovens da igreja católica nas reuniões sociais que promoviam. Apesar de ter passado a pertencer à primeira turma do Magistério no segundo ano do curso, relatou ter se “enturmado” com facilidade e aquele curso possibilitou que ela realizasse seus sonhos.

A professora Ester destacou em sua narrativa que quando partiu para Tangará da Serra estava fazendo um curso em São Paulo, seu estado de origem, com características completamente diferentes do que encontrou em Tangará. Sem alternativa, o que se apresentou foi o Magistério e ela se viu quase “forçada” a cursá-lo. Segundo narra:

[...] eu entrei no segundo ano, já fazia dois anos que tinha o curso [...] eu fazia o colegial em São Paulo, aí quando eu cheguei aqui [em Tangará da Serra] o único segundo grau que tinha era esse, o Magistério, daí eu entrei para o Magistério, eu fiz adaptação de algumas matérias, estranhei bastante por causa dessa diferença de material e de direção porque no Magistério eu ia seguir totalmente outra linha e eu fiz porque tinha que fazer, porque eu acho assim, porque se eu chegasse aqui e tivesse aquele curso que eu tava fazendo lá eu ia optar por ele, então eu fiz Magistério porque só tinha aquilo. Aí, depois, com o tempo, eu fui gostando, fui adaptando [...] na verdade foi até bom porque eu não tinha assim o que eu queria ser [...]. (Ester. Entrevista realizada em: 12/06/2013).

O excerto destacado da narrativa de Ester denota, inicialmente, estranhamento frente às diferenças, readaptações e aprendizagens necessárias ao curso de Magistério. Porém, à medida que vai recompondo seu passado, menciona ter vivido um período de adaptação, aceitação e identificação com o curso. Ela narra que “colocou na cabeça que seria educadora” e logo se viu identificada com o discurso educacional. Ao finalizar, procede a uma valoração ao vivido. Ao assumir “eu gostei mesmo”, como se alguém dela pudesse duvidar, Ester assume o lugar de sujeito da educação e, é desse lugar, que tece seu depoimento.

A reelaboração das lembranças do tempo do curso de Magistério faz com que a narradora formule explicações que se apresentaram como possibilidade de recusa do que era oferecido. Contudo, por ter se permitido conhecer o que era ofertado, a professora foi gradativamente, à medida que abandonava a resistência em relação ao curso, sentindo-se identificada com o discurso educacional, reconhecendo-se como sujeito professora.

4. Conclusões

Mulheres e homens atribuem significados ao mundo por meio de suas vivências nos grupos em que estão inseridos (família, comunidade, trabalho, igreja, escola). Os papéis que exercem no interior dos grupos sociais em que atuam permitem-lhes reconstruir sentidos, ressignificar experiências. Entretanto, como sugere Montenegro (1994), o processo de rememoração implica a impossibilidade de reviver aquela experiência primeira. Para este autor, a ressignificação é um movimento permanente da memória a partir das experiências que vivemos no presente. E esse movimento está, de algum modo, associado a todo um conjunto de processos de fundação de outras memórias, o que pode ser definidor de um amplo espectro de possibilidades de relações que os sujeitos estabelecem com o passado.

As narrativas das professoras possibilitam observar em que medida a representação que narra o sujeito professor as alcançou. Ao narrarem suas experiências, pensando-a desde o momento inicial, desde sua chegada a Tangará da Serra, a imaginação é imediatamente ativada. Nos movimentos de lembrar e esquecer comparecem nas narrativas as ações (e reações), as expectativas construídas diante da escolha em tornar-se professora, as realizações que foram possíveis no lugar, os medos enfrentados e a construção de suas vidas. Há um envolvimento afetivo com esse lugar que não pode ser desconsiderado. Assim, em Tangará da

Serra, as professoras viveram suas vidas e construíram suas histórias e nele, narram suas memórias docentes colocando em relevo suas experiências.

Identificar-se e se reconhecer como professora no contexto de Tangará da Serra envolve a relação dessas professoras com os alunos, com os pais, com os colegas de profissão, com a comunidade e, principalmente, com a escola, que era o lugar onde passavam parte significativa de seu tempo e que dividiam com o tempo que passavam em casa, com suas famílias, seus filhos, esposos, pais, enfim, exercendo as múltiplas identidades que cada lugar de sujeito exige. As professoras pronunciaram-se, cada uma a seu modo, naquilo que consideraram mais significativo. Assim, no conjunto dos depoimentos, suas narrativas contribuem para pensar o processo de constituição das identidades de professora no contexto em estudo.

5 Referências

CARDOSO, Fernando Henrique; MÜLLER, G. **Amazônia**: expansão do capitalismo. São Paulo: brasiliense, 1977.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: EdFGV, 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 4. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

LOURO, Guacira Lopes. Magistério de 1º Grau: um trabalho de mulher. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.14, n.2, jul./dez. 1989. p. 31-39

MARTINS, José de Souza. **Fronteira**. A degradação do outro nos confins do humano. São Paulo: Hucitec, 1997.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História Oral e Memória**. A cultura popular revisitada. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1994.

NÓVOA, Antonio (Org.). **Profissão Professor**. 2. ed. Portugal: Porto Editora, 1995.

OLIVEIRA, Carlos Edinei de. **Famílias e Natureza**. As relações entre famílias e ambiente na colonização de Tangará da Serra – MT. Tangará da Serra: Gráfica e Editora Sanches Ltda, 2004.

_____. **Migração e Escolarização**. História de instituições escolares de Tangará da Serra, Mato Grosso – Brasil (1964-1976). 2009. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia.

PESAVENTO, Sandra Jatagy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução: Alain Françoise. (et al). Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **A vez e a Voz dos Professores**. Contributo para o Estudo da Cultura Organizacional da Escola Primária. Coleção Escola e Saberes. Vol. 2. Portugal: Porto Editora Ltda, 1994.

SAVIANI, Dermeval. **História das Ideias Pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2007.

THOMSON, Alistair. Reconstituo a memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História do Departamento de História da PUC/SP**, São Paulo, n. 15, p. 51-84, abr. 1997.